

BREVE HISTÓRICO DA VITIVINICULTURA E A SUA EVOLUÇÃO NA REGIÃO SEMIÁRIDA BRASILEIRA

PATRÍCIA COELHO DE SOUZA LEÃO¹

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, EMBRAPA Semiárido, Petrolina, Pernambuco.

A domesticação da videira está relacionada à descoberta do vinho. Entretanto, ainda existem dúvidas sobre os locais e períodos do início da domesticação e se diferentes eventos independentes de domesticação ocorreram (This *et al.*, 2006). Durante o processo de domesticação, a biologia das plantas passou por mudanças drásticas para alcançar maior conteúdo de açúcar nos frutos, assegurando uma melhor fermentação, bem como, produções maiores e mais regulares. As mudanças no tamanho e forma de bagas e cachos e de plantas dióicas a hermafroditas foram cruciais para a evolução até os tipos cultivados (This *et al.*, 2006).

Segundo McGovern (2003), as primeiras evidências de elaboração de vinhos foram encontradas no Irã cerca de 7000 à 7400 a.C. Sementes de videiras domesticadas foram encontradas na Geórgia e Turquia e datam de cerca de 8000 anos. A partir desses sítios de domesticação inicial, se estendeu para regiões adjacentes como Egito e Mesopotâmia, registros arqueológicos e fósseis remontam a existência de viticultura e elaboração de vinhos no Egito durante o período Neolítico, cerca de 5000 à 6000 anos (Reisch & Pratt, 1996). A existência de comunidades permanentes não nômades fornecia uma base estável que permitiu a criação de técnicas de processamento e a obtenção de alimentos que são consumidos até os dias atuais, como o pão, a cerveja, o vinho e o beneficiamento de cereais. A criação dos vasos de cerâmica foi um fato marcante no desenvolvimento da elaboração de vinhos, pois permitiu o armazenamento dos mesmos. A religião desempenhou um papel importante no estabelecimento e disseminação da vitivinicultura antiga, pois, para os egípcios, o vinho estava associado ao Deus Osíris; para os gregos, ao Deus Dionísio; para os romanos, ao Deus Baco e para os babilônios, à Deusa Siduri (McGovern,

¹ Engenheira Agrônoma, D.Sc. Genética e Melhoramento de Plantas, Pesquisadora Embrapa Semiárido, BR 428, Km 152, Zona Rural, CEP:56300-970, Petrolina, PE, Caixa-Postal: 23. E-mail: patricia@cpatsa.embrapa.br.

2003). Os romanos levaram o vinho como uma forma de impor os seus costumes e cultura nas terras que conquistavam. A disseminação da vitivinicultura acompanhou a expansão do império romano, primeiramente nas áreas costeiras do Mediterrâneo e então, em direção ao interior, seguindo as principais rotas de comércio através dos rios Reno, Rhone, Danúbio e Garonne, alcançou a Grã-bretanha, Germânia, e por fim a Gália, que mais tarde seria a França. O seu apogeu ocorreu durante o império romano, nos séculos I e II, mas a crise econômica que se abateu sobre a Europa com o declínio do império romano levou a um retrocesso na vitivinicultura. Esta foi restabelecida pelo fortalecimento da igreja católica, a partir do século V. A igreja era proprietária de extensos vinhedos nos mosteiros, onde o vinho era produzido para o sacramento da eucaristia e para o sustento dos monges. Foi disseminada através das cruzadas e no século XV se estabeleceu nas ilhas das Canárias e Madeira, atingindo posteriormente a África do Sul, Austrália e América. O crescimento do islamismo no norte da África, Espanha e Oriente Médio também teve um papel importante na expansão da vitivinicultura.

A espécie *Vitis vinifera* L. foi introduzida no novo mundo pelos colonizadores e missionários espanhóis e portugueses por volta de 1500, primeiramente por meio de sementes, por que eram mais fáceis de serem transportadas e depois por estacas, a partir de seus locais de origem. Nos Estados Unidos, foi introduzida na Califórnia a partir do México no século XVIII, e se expandiu rapidamente estabelecendo as bases de uma sólida viticultura e indústria vinícola na Califórnia entre os anos 1860 a 1900 (Reisch & Pratt, 1996).

A introdução da videira no Brasil foi realizada por Martim Afonso de Souza que trouxe as primeiras videiras de *V. vinifera* L. para a capitania de São Vicente, atual Estado de São Paulo, em 1532. Neste mesmo ano, Brás Cubas cultivou a videira no litoral de São Paulo, não obtendo muito êxito, em parte pelo protecionismo imposto pela corte portuguesa que proibiu o cultivo da videira em 1789 (Souza, 1996). No Rio Grande do Sul, as primeiras videiras foram introduzidas em 1626 pelos padres jesuítas e posteriormente cultivares de *V. vinifera* L. foram trazidas pelos imigrantes alemães. A vitivinicultura gaúcha teve um grande impulso a partir de 1875 com a chegada dos imigrantes italianos, que trouxeram consigo castas européias, sobretudo da região do Veneto e a cultura e tradição de produção e consumo de vinhos. No entanto, as condições climáticas do Rio Grande do Sul não favoreciam o cultivo de cultivares européias. A introdução da cv. Isabel (*V. labrusca* L.), de origem americana, forneceu a base para o estabelecimento da vitivinicultura nos Estados do Rio Grande

do Sul e São Paulo.

No Nordeste brasileiro, a videira estava presente desde o século XVI, nos Estados da Bahia e de Pernambuco, onde alcançou alguma expressão econômica nas ilhas de Itaparica e Itamaracá. Na ilha de Itamaracá foram explorados os mais importantes vinhedos do Brasil desde a época de sua introdução até a dominação holandesa, por volta de 1636 (Souza, 1996). Do litoral do Nordeste, a videira foi levada para o interior até as fronteiras do agreste e sertão. Até meados do século XX, a videira foi plantada apenas nos quintais das fazendas de gado, voltadas para o consumo doméstico, sendo o pequeno excedente destinado ao comércio nas áreas urbanas mais próximas. Na década de 50, com a chegada do técnico português José Cabral de Noronha e Menezes contratado pela Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), iniciou-se a realização de práticas mais racionais de cultivo como a poda, o desbaste de cachos, tratamentos fitossanitários e uso de fertilizantes, entre outros (Leão & Possídio, 2000). Albuquerque *et al.* (1988) mencionam um relatório elaborado por Souza, Toledo & Clemente em 1959, que faz referência a cultivares viníferas em pequenas plantações, como as do Posto de Colonização da Diocese de Petrolina-PE, Horto Florestal em Juazeiro-BA e Vale do Salitre, Juazeiro-BA. Dentre outras cultivares européias mencionaram Estevão Marinho, Ferral, Moscatel Rosada e Olivette Noire.

A partir de meados da década de 50, investimentos públicos e privados constituiriam-se nos embriões da vitivinicultura atualmente existente no Vale do Submédio São Francisco. Em 1956, a Cinzano S/A iniciou em Petrolândia-PE, o plantio de cem mil mudas de híbridos de uvas para vinho. No ano seguinte, um deputado da região, Milvernes Cruz Lima, iniciou um plantio com novas variedades de uva (Moscatel Italiano, Peverella, Trebbiano, Moscatel de Alexandria, Ferral Preta, Alphonso Lavallee e Alicante Preta) no município de Belém de São Francisco-PE. Em 1958, no município de Santa Maria da Boa Vista-PE, o espanhol José Molina Membrado, com o apoio técnico da CVSF, importou outras variedades de uva da Europa e implantou àquela que seria considerada a primeira área de uva em escala comercial. Em 1960, foi implantada pela CVSF no Núcleo Colonial Afonso Ferraz, em Petrolina-PE, uma grande coleção de videiras oriundas da Estação Experimental de São Roque, do Instituto Agrônomo de Campinas. Nos anos de 1963 e 1964, foram instaladas duas estações experimentais, nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, onde seriam implantados, respectivamente, o Projeto Piloto de Bebedouro e o Perímetro Irrigado de Mandacaru. No Campo Experimental de

Mandacaru, a Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE) realizou em 1963, a implantação de uma coleção com 160 cultivares de videira com diferentes objetivos: uva fresca, passa, suco e vinho (Leão & Possídio, 2000). Esta coleção, a partir de 1975, passou a ser mantida pelo Centro de Pesquisa Agropecuária do Tropicó SemiÁrido (CPATSA), à qual serviu de base para o atual Banco de Germoplasma de videira da Embrapa Semiárido.

Segundo Silva (2001), os investimentos públicos por meio da criação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco em 1974, e do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido em 1975, foram marcos decisivos na transformação do cenário agrícola desta região. Os primeiros empreendimentos comerciais – Fazenda Milano e Fazenda Ouro Verde – instalados com incentivos da SUDENE e do BNB estavam voltados para a exploração vitivinícola. A partir da metade da década de 80, grupos empresariais adquiriram grandes extensões de terra nas proximidades do Rio São Francisco ou nos perímetros dos projetos públicos de irrigação, destacando-se entre outras culturas, a produção de uvas de mesa, sobretudo da cultivar Itália. Durante a década de 90 observou-se a expansão e o fortalecimento da vitivinicultura tecnificada, e diversificação de cultivares como Red Globe, Benitaka e no final da década de 90, o início da produção de cultivares de uvas sem sementes. A instalação de uma infra-estrutura física, como construção de packing houses, melhoria no sistema rodoviário e portuário, e, sobretudo, a organização dos produtores em associações e cooperativas, tais como a Associação dos Exportadores de Hortifrutigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (VALEXPORT) e a Cooperativa Agrícola de Juazeiro (CAJ) desempenharam um importante papel na consolidação das exportações de uvas de mesa do Vale do Submédio São Francisco. Na última década, seguindo as tendências de consumo do mercado mundial, ocorreu a implantação de sistemas de certificação de qualidade da uva de mesa, dentro de um conceito de sustentabilidade ambiental e social, tais como o programa de Produção Integrada de Frutas (PIF) e Eurep-Gap, que permitiram as uvas desta região serem bem aceitas nos mais exigentes mercados mundiais.

Por outro lado, a indústria vinícola na região apresentou um grande impulso nos últimos anos, com o estabelecimento de tradicionais vinícolas nacionais e estrangeiras, representando atualmente mais de 15% da produção nacional (Sebrae, 2007). O primeiro vinho produzido no Vale do Submédio São Francisco foi lançado em 1984, com a marca Boticelli. Atualmente, sete vinícolas estão instaladas, e o esforço conjunto das vinícolas, órgãos de pesquisa, financiadoras de projetos e governo do estado, tem

alanvancado a produção do vinho nesta região, cuja qualidade já é reconhecida em concursos internacionais e nos mais tradicionais e exigentes mercados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, T.C.S., SOUZA, J.S.I. & OLIVEIRA, F.Z. A expansão da viticultura no Submédio São Francisco. Anais, 2º Simpósio Latino–Americano de Enologia e Viticultura, 2ª Jornada Latino–Americana de Viticultura e Enologia, 2º Simpósio Anual de Vitivinicultura, Bento Gonçalves, RS. 1988. p.1–8.

LEÃO, P.C.S. & POSSÍSIO, E.L. Histórico da videira. In: Leão, P.C.S. & Soares, J.M. (Org.). A viticultura no semi–árido brasileiro. Petrolina. Embrapa Semi–Árido. 2000. pp.13–17.

MCGOVERN, P.E. Ancient wine: the search for the origin of viniculture. Princeton. Princeton University Press. 2003.

REISCH, B.I. & PRATT, C. Grapes. In: Janick, J. & Moore, J.N. (Ed.). Fruit breeding: vine and small fruits. New York. John Wiley. 1996. v.2. pp.297–370.

SEBRAE. Vinhos brasileiros: o mundo degusta o Brasil. Porto Alegre. SEBRAE. 2007.

SILVA, P.C.G. Articulação dos interesses públicos e privados no pólo Petrolina–PE/Juazeiro–BA: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas. (Tese de Doutorado). Campinas. Universidade Estadual de Campinas. 2001.

SOUZA, J.S.I. Uvas para o Brasil. Piracicaba. FEALQ. 1996.

THIS, P., LACOMBE, T. & THOMAS, M.R. Historical origins and genetic diversity of wine grapes. Trends in Genetics 2:511–519. 2006.